

# Caderno de Resumos



V Colóquio Literatura & Utopia  
9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas  
4 a 6 de novembro de 2019

## APRESENTAÇÃO

Há 70 anos era publicada a primeira edição do romance *Nineteen eighty-four* (ou simplesmente *1984*), do escritor britânico George Orwell. Hoje, 70 anos depois, o livro está de volta às listas de mais vendidos, impulsionado não só pela recente profusão multimidiática de obras distópicas, que inundam prateleiras e telas mundo afora, mas também pela guinada conservadora vivenciada por países ao redor do globo — incluindo o Brasil.

Em homenagem ao aniversário de sua publicação, mas também como uma forma de convidar o público à reflexão acerca dos aspectos literários, culturais e políticos engendrados por este romance, o *V Colóquio Literatura & Utopia* traz como tema 1984, hoje. Do ponto de vista dos Estudos Críticos da Utopia, esse livro de Orwell é considerado como pedra de toque da ficção distópica do século XX, ao lado de obras como *Nós* (1924), de Ievguêni Zamiátin, *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, e *Swastika night* (1937), de Katharine Burdekin.

O romance, que tece uma crítica mordaz ao totalitarismo, inscreveu no imaginário popular a figura emblemática do Grande Irmão, epítome do poder, do controle e da vigilância em uma sociedade que pode exercer sobre os indivíduos; da mesma forma, forneceu às ciências humanas, e à política em especial, um vocabulário orwelliano, composto de termos e conceitos que nos ajudam a compreender os mecanismos da maquinaria totalitária — duplipensamento, pensamento-crime, novafala —, e que, assustadoramente, traduzem tão bem o cenário político contemporâneo.

Com 1984, hoje, o que se pretende não é uma constatação niilista acerca de nosso presente histórico; antes, busca-se, por meio das reflexões suscitadas pelo romance de Orwell, promover uma leitura crítica desse livro e de seus ecos (artísticos, culturais, políticos) no presente, entendendo a distopia como uma forma radical de reclamar a esperança, que nos joga dentro de um pesadelo para que, de lá, sejamos

forçadas/os a vislumbrar os sonhos e, dessa forma, construir nosso caminho em direção ao horizonte da utopia.

Esta edição do *V Colóquio Literatura & Utopia* ocorrerá como parte da programação da 9ª Bienal do Livro de Alagoas, entre os dias 4 e 6 de novembro, no bairro histórico de Jaraguá, em dois locais distintos: a abertura será no MISA, no dia 4/11, e as demais atividades serão no Rex Bar, nos dias 5 e 6/11. Minicurso, palestras, mesas-redondas, painéis, exposição de pôsteres, lançamento de livros, exibição de filme, apresentação cultural e lançamento do concurso de poesia serão as atividades que farão parte desta edição do Colóquio.

## PROGRAMAÇÃO

### DIA 1: 4 de novembro de 2019

#### Auditório do MISA

18:00-19:00

Palestra de abertura: **Desesperanças e esperanças: 1984, hoje**  
Palestrante: Fernando Ayres (Ufal)

19:00-21:30

Cinetopias: **exibição do filme 1984 (1984), de Michael Radford**  
Mediador: Pedro Kalil (Ufal)

### DIA 2: 5 de novembro de 2019

#### Rex bar

10:00-12:30

Minicurso: **Alimentopia: literatura e sustentabilidade**  
Ministrantes: Fernando Ayres (Ufal) e Marcus V. Matias (Ufal)

14:00-15:30

Painel 1: **Imagem & Utopia**  
Gustavo Leão, Herbert Luan Lopes da Silva, Jardson Ferreira da Silva, Juliana Pimentel, Ringo Star de Holanda Cavalcante e Thayrone Ibsen  
Mediador: Pedro Kalil (Ufal)

15:30-16:00

Intervalo

16:00-17:45

Mesa-redonda 1: **Narrativa & Utopia**  
Nayara Macena, Paulo Stella, Pedro Fortunato e Richard Plácido  
Mediadora: Ildney Cavalcanti (Ufal)

18:00-19:00

Palestra 2: **O que Orwell não contou em 1984 e Burdekin contou em *Swastika Night*: misoginia e fascismo andam juntos**  
Palestrante: Lola Aronovich (UFC)

19:00-21:00

Lançamento dos livros **Trânsitos Utópicos** (Edufal, 2019) e **Utopismos Alagoanos** (Edufal, 2019) & Lançamento do edital do **III Concurso Poesia & Utopia**

### DIA 3: 6 de novembro de 2019

#### Rex bar

10:00-12:00

Minicurso 1: **Alimentopia: literatura e sustentabilidade (continuação)**

14:00-15:30

Painel 2: **Utopias de Gênero e Queer**

	Daniel Costa Cruz, Janaína Vila Nova, João Vitor Silva, José Minervino Neto, Thathiana Valesca Leite Ferreira Belo Mediadora: Ana Claudia Aymoré Martins (Ufal)
15:30-16:00	Intervalo
16:00-17:45	Mesa-redonda 2: <b>Poesia &amp; Utopia</b> Analice Leandro, Arenato Santos, Felipe Benicio e Victor Verçosa Mediadora: Maria Gabriela Costa (Ufal)
18:00-19:00	Exibição de pôsteres
19:00-20:00	Palestra 3: <b>Distopías argentinas: totalitarismo y biopolítica en el cine de ciencia ficción</b> Palestrante: Mariano Paz (University of Limerick)
20:00-20:30	Intervenção cultural <i>Corponarrativas</i> , com Amanda Souza, Charles de Farias, Estela Moreno, Karolyna Valença e Pedro Rieger (ETA/Ufal)
20:30-20:45	Anúncio do pôster melhor avaliado

ORGANIZAÇÃO:



APOIO:





## **V COLÓQUIO LITERATURA & UTOPIA**

9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS  
4 A 6 DE NOVEMBRO DE 2019 – MACEIÓ

### **Painel 1: Imagem & Utopia**

## DA IMPOTÊNCIA AO IMPOSSÍVEL

desamparo e eutopia em *Promethea*, de Alan Moore e J. H. Williams III

**Gustavo Henrique de Souza Leão**

O britânico Alan Moore é um dos roteiristas mais respeitados no âmbito das histórias em quadrinhos, tendo assinado obras que se consolidaram como referências e que não param de inspirar (sem o seu aval) produtos de mídia de grande repercussão, como os diversos filmes e uma série de TV. É esse o caso das profícuas *Watchmen* e *A piada mortal*, por exemplo, que cumpriram papel importante na redefinição das histórias em quadrinhos estadunidenses nos anos oitenta. Diferente do tom predominantemente pessimista dessas e outras obras importantes de Moore em relação à história e à sociedade ocidentais, em *Promethea*, volume um (2015) e volume dois (2017), o autor, ao lado do desenhista J. H. Williams III, constrói uma narrativa que, rica em simbologias e mitologia ocultista, discute sobre, se há, a função da arte e aponta para o surgimento de uma *eutopia*, o bom lugar, conceito que Lewis Mumford (1922) lembra compor, junto com *outopia*, o não-lugar, a Utopia de Thomas More. O fim do mundo, que engendra a eutopia em *Promethea*, leva-nos a pensar sobre a necessidade de se abrir ao impossível para uma real transformação do *status quo* e sobre o potencial emancipador do sentimento de desamparo, concepções interdependentes e amplamente discutidas por Vladimir Safatle (2015). Já em Thierry Groensteen (2015), através da relação entre os conceitos de *espaçotopia* e *artrologia*, importantes para se pensar os quadrinhos como um sistema, vemos como *Promethea* estabelece novos limites para se pensar esse sistema e, ao fazer isso, guia-nos rumo ao impossível.

**Palavras-chave:** Alan Moore. *Promethea*. Artrologia. Eutopia. Desamparo.

# **A REPRESENTAÇÃO DAS CONTRADIÇÕES DA ERA CIBERNÉTICA NOS EPISÓDIOS QUEDA LIVRE E MANDA QUEM PODE DA SÉRIE BLACK MIRROR**

**Herbert Luan Lopes da Silva**

Os episódios da série Black Mirror retratam cenários em que homens e mulheres viram reféns da tecnologia ou de quem a domina, nesse sentido, a série desconstrói a visão utópica de décadas atrás em que se poderia imaginar uma sociedade tecnológica satisfeita com o seu mundo podendo resolver seus problemas práticos de forma rápida e eficiente. Sendo assim, este estudo, ainda em andamento, busca analisar a construção dos enredos distópicos a partir de cenas significativas dos episódios Queda Livre e Manda Quem Pode a representação de temas a respeito da contradição da era cibernética por meio do ressentimento social e psicológico, alienação tecnológica e manipulação de dados virtuais. Para isso, utilizou-se como referências: os estudos de Moylan (2016) acerca da distopia, de Suvin (1976) sobre a ficção científica, de Seabra (2016) que pesquisa o fenômeno das séries audiovisuais no século XXI, mas também as análises da sociedade contemporânea de Pondé (2014), Karnal (2018), Lopes (2016) e Lemos (2004). A presente análise dos dois episódios, até o momento, encontrou nos três temas citados há pouco, junto à distopia como importantes pontos-chaves para a reflexão da sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Ressentimento. Alienação Social. Manipulação de Dados. Distopia. *Black Mirror*.



**WESTWORLD**  
uma distopia crítica ciborgue

**Jardson Ferreira da Silva (Ufal) <sup>1</sup>**  
**Ildney Cavalcanti (Ufal) <sup>2</sup>**

Mediante a percepção de que a cultura pop vem se apropriando de elementos distópicos de forma mais substancial desde o século XX aos dias atuais, pretendo com este trabalho analisar esses elementos narrativos presentes na série norte-americana *Westworld*. Baseada em filme homônimo de 1973, e produzida desde 2016, com 10 episódios cada uma das suas duas temporadas, é exibida no Brasil pelo canal HBO. A série apresenta uma contranarrativa de resistência por parte dos ciborgues que, ao desenvolverem um tipo de “consciência”, começam a questionar a realidade em que estão inseridos. Para a observação dos traços críticos distópicos presentes na série, utilizo, como referencial teórico, estudiosos/as contemporâneos/as, como Tom Moylan (2016). E em referência à metáfora ciborgue, recorro à Donna Haraway (1991), com seu clássico “Manifesto ciborgue” (1985). O primeiro teoriza sobre os registros icônicos e discretos que entram em jogo na construção da narrativa crítica distópica; já a segunda, debate questões relativas à desestabilização das fronteiras entre o humano e a máquina. Utilizo também os estudos do filósofo Michel Foucault (2013) para refletir sobre os corpos ciborgues em relação aos espaços utópicos e distópicos representados em *Westworld*, sublinhando a figuração de um movimento subversivo anti-humano que nos provoca questionamentos sobre as ontologias humana e não-humana.

**Palavras-chave:** Distopia crítica. *Westworld*. Corpos utópicos e distópicos.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística - PPGLL (Ufal).

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística - PPGLL (Ufal).

## **O VESTIDO VERMELHO DE MARIA REYNOLDS**

a mulher e os limites utópicos de uma sociedade americana em revolução.

**Juliana Pimentel**  
**Profª Drª Ildney Cavalcanti**

Através da guerra, os Estados Unidos buscavam a liberdade das forças colonizadoras que os oprimiam, e, no meio da revolução, outras vozes, além das dos soldados no campo de batalha, gritavam por liberdade: fosse em suas vestes, atitudes ou pensamentos. A personagem Maria Reynolds, de *Hamilton: An American Musical* (MIRANDA, 2016) traz consigo uma cor com bastante significado, dentro deste momento revolucionário: O vermelho. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1994), o vermelho vivo, diurno, solar incita a ação e é a imagem de ardor e de beleza, de força impulsiva e generosa, de juventude, saúde, riqueza, de eros livre e triunfante. Diante disso, Pimentel (2009), afirma que o vermelho vivo usado pela personagem de Maria Reynolds em suas vestes e lábios remete, enquanto símbolo, à sedução. Em se tratando da representação da sexualidade feminina, seja no sentido de desejo de descoberta ou no de depravação, a associação ao vermelho não é algo novo no meio literário, teatral, cinematográfico etc. No contexto da presente leitura, a cor é usada para salientar que Maria é uma mulher que seduz e que faz da conquista uma estratégia de sobrevivência. A personagem traz consigo a imagem que a sociedade repudia e recrimina e nos faz questionar que tipo de liberdade era adequada, quais valores utópicos eram estes que os federalistas (HAMILTON, JAY, MADISON, 1788) buscavam e os limites impostos pelos mesmos. Analisando o papel de Maria no espetáculo de Miranda (2006) e a proposta revisionista (RICH, 2016) de sua personagem, pudemos olhar mais atentamente para a sociedade na qual ela estava inserida e percebemos que os sonhos utópicos de liberdade de muitos podem ferir a liberdade de outros, tudo depende de quem põe as mãos na história e a conta.

**Palavras-chave:** Maria Reynolds. Reynolds pamphlet. Vermelho. Utopia. Hamilton.

## ENTRE A DISTOPIA E O GÓTICO

o medo em *Frankenweenie*.

**Ringo Star de Holanda Cavalcante**

**Profa. Dra. Ildney de Fátima Souza Cavalcanti**

O presente trabalho explora um ponto de convergência entres os modos gótico e o distópico: o medo. Partindo de estudos sobre a história do medo (DELUMEAU, 2009), com foco em duas categorias: o medo-individual e o medo coletivo; sobre a caracterização do gótico (LOVECRAFT, 1987; GROOM, 2012) e do distópico (KUMAR, 1987; CLAEYS, 2017); além de trabalhos de estudiosos/as dedicados/as à obra de Tim Burton, como Ferenczi (2010), He & Magliozzi (2011) e De Baecque (2011), analiso as aproximações entre esses dois modos narrativos no que concerne à representação do medo. Para tal, exploro dois elementos da narrativa, a caracterização de personagens e o espaço, selecionando trechos do filme *Frankenweenie* (2012), uma reescritura do mito da biologia de *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, para apontar que, na obra de Burton, o cientista maluco, o monstro/pet, o cemitério, o laboratório e o parque são elementos recorrentes na estética do gótico e da distopia, engendrando sentidos diferenciados em sua reconfiguração contemporânea.

**Palavras-chave:** Tim Burton. Gótico. Distopia. Medo.

## VICISSITUDES DEMONÍACAS

olhares sobre os heroísmos distópicos de *Daredevil*

**Thayrone Ibsen**

O presente estudo tem como propósito analisar a obra sequencial *Daredevil*, sob prismas que privilegiem tanto seus múltiplos caráteis formais e estilísticos quanto os níveis de menção e apresentação de nuances violentas em seus quadros. Trazendo para o escopo temático reflexões sobre a cor vermelha sempre presente em texto e imagem, assim como uma imagem "demoníaca" recuperada e mantida, discorro sobre a longa continuidade do quadrinho em questão, a partir de recortes que evidenciam a predominante presença do símbolo de criatura rubra e beligerante, formadora fixa da personalidade do protagonista até suas publicações nos dias atuais. A discussão tem passos iniciais caucados em bases teóricas como a noção de polifonia dos quadrinhos, elaborada por Barbieri (2017), comunicações com vertentes dos novos realismos (GOMES, 2012) e reflexões sobre a urbanidade pós-moderna (PECHMAN, 2009). A partir da seleção estrutural, teórica e analítica, a pesquisa, em seus rumos, busca entender possíveis vislumbres de teores distópicos parciais ou particulares, na diegese da obra híbrida observada.

**Palavras-chave:** *Daredevil*. Violência. Urbanidade. Distopia. Quadrinhos.



## **V COLÓQUIO LITERATURA & UTOPIA**

9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS  
4 A 6 DE NOVEMBRO DE 2019 – MACEIÓ

### **Mesa-redonda 1: Narrativa & Utopia**

**HE, SHE AND IT, DE MARGE PIERCY**  
narrativas que expressam desejo

**Nayara Macena Gomes**

Partindo dos posicionamentos de Mieke Bal (1997) Joanna Russ (1995) sobre narrativa como construções e os padrões narrativos ocidentais, esta comunicação percebe, no romance de Marge Piercy (1992), uma nova organização social inspirada pelos desejos individuais e coletivos dos sujeitos caracterizados como o outro, os quais não são legitimados ou inteligíveis pela realidade que de fato prevalece e uma percepção de ficção científica calcada não somente na ampliação dos conceitos de ciência e cognição, mas principalmente na especulação das tecnologias empregadas na produção das realidades ficcionais, causando estranhamento e desautomatização de imagens que pareciam naturais. Nesse sentido, *He, She and It* parece descortinar uma dimensão utópica nas realidades alternativas produzidas pelas várias narrativas das personagens, as quais oferecem uma visão crítica do espaço que habitam, precisamente por se localizarem numa zona intermediária – são fabricadas a partir das percepções e experiências individuais, mas não estão completamente removidas das dimensões de espaço e tempo oficiais.

**Palavras-chave:** Narrativa. Ficção científica. Gênero.

**A CONSTRUÇÃO MUNDOS UTÓPICOS E DISTÓPICOS EM NARRATIVAS  
DA PESSOA SURDA**  
em busca de pertencimento

**Paulo Rogério Stella**

Esta comunicação pretende apresentar algumas reflexões acerca de relações de sentido envolvendo o texto Cinderela Surda que é uma adaptação para a cultura surda do conto de fadas da Cinderela. Em sua introdução, os autores dizem que esta é uma estória contada entre os surdos há muito tempo e que, portanto, valeria a pena transformá-la em livro para que a pudesse ser preservada. Nessa passagem, observa-se um movimento em direção ao pertencimento do surdo na sociedade por meio tanto da estória propriamente dita quanto das imagens que são produzidas para o livro. É com base nesse movimento que se coloca a pergunta de pesquisa que guiará estas reflexões: Que relações de sentido para a pessoa surda podem ser construídas considerando-se uma visível tendência à ideia de utopia por meio da passagem da Cinderela Surda da posição de servidão à posição de princesa? Para estas reflexões mobilizaremos os conceitos de Bakhtin e o círculo no que diz respeito a forças centrípetas e forças centrífugas, ou seja, as linguagens funcionam uma dupla relação em que, de um lado há uma força conservadora, tentando manter as coisas como estão, e de outro lado e em oposição à primeira, há outra força criativa, que tenta produzir novos sentidos para a sociedade. O choque entre essas duas forças garante o funcionamento e a evolução dos sentidos na sociedade. Espera-se como resultado a contribuição às discussões acerca da situação da pessoa surda na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura. Utopia. Cinderela Surda. Forças Centrífugas. Forças Centrípetas

## **A DISTOPIA DO PASSADO EM *TUPINILÂNDIA*, DE SAMIR MACHADO DE MACHADO**

**Pedro Fortunato de Oliveira Neto**

A partir dos Estudos da Utopia, mais especificamente no que diz respeito ao gênero distópico, será apresentada uma análise do romance *Tupinilândia* (2018), do escritor gaúcho Samir Machado de Machado. Através da explanação da pesquisa, são destacadas quais as características figuradas na sociedade ficcional imaginada pelo autor permitem que se possa ter uma leitura deste romance como uma distopia, bem como se demonstram paralelos entre esta obra e outras distopias, sobretudo obras da literatura em língua inglesa. Além disso, argumenta-se que a temporalidade escolhida para formação dessa obra, da ditadura militar brasileira na primeira metade da década de 1980, constitui um importante elemento nas implicações do projeto composicional dessa distopia brasileira. Assim, chega-se à conclusão que *Tupinilândia* é uma obra que possui bastante potencial crítico no que diz respeito a suscitar reflexões concernentes ao plano político e social do nosso presente histórico no Brasil, bem como sobre questões estéticas ligadas à escritura do gênero distópico na literatura brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** Distopia. Ditadura. Samir Machado de Machado.



## A TRANSITIVIDADE UTÓPICA DE *SEM VISTA PARA O MAR*

**Richard Plácido**

O presente estudo analisa os contos de *Sem vista para o mar: contos de fuga* (2014), de Carol Rodrigues, que possuem um sentido figurado de transitoriedade e de transitividade. Aponta, também, para um estudo de como se dá, nesses textos, a representação dos espaços ficcionais. Nos contos selecionados, há a recorrência do sentido de transição ou deslocamento nas narrativas. Os estudos de Beatriz Resende (2008), Karl Erik Schøllhammer (2011) e Perrone-Moisés (2016) acerca da literatura brasileira contemporânea, sobretudo nos estudos do gênero prosa no presente, são importantes para pensar o espaço e a representação da escrita de Carol Rodrigues no cenário atual da literatura brasileira. As teorias de Michel Foucault (2013) no que diz respeito às heterotopias e de Jörn Seemann (2012) acerca dos estudos dos mapas no viés da geografia humanista e cultural se revelam pertinentes para entender a representação do espaço nas perspectivas culturais da cartografia e dos estudos geográficos. As personagens de Carol Rodrigues estão sempre em busca de um lugar outro, e desejam, recorrentemente, alcançar o mar. Anseio nunca alcançado.

**Palavras-chave:** Carol Rodrigues. Espaços Ficcionais. Cartografias Literárias. Literatura Brasileira Contemporânea



## **V COLÓQUIO LITERATURA & UTOPIA**

9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS  
4 A 6 DE NOVEMBRO DE 2019 – MACEIÓ

### **Painel 2: Utopias de Gênero e Queer**

## UTOPIA E DISTOPIA LGBTQIAP+ EM HQs

Tema de um projeto de pesquisa em construção

**Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz**

Abordo aqui a construção de um projeto de pesquisa motivado pela compreensão de como os representados pelas letras da sigla LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e +) encontram seu espaço na grande utopia de um mundo justo, e/ou na distopia de um mundo injusto. Como base teórica, mobilizo o conceito de *representação*, no contexto dos Estudos Culturais (HALL, 1997), entendendo que os indivíduos caminham pelo mundo a partir das representações que constroem e pelo modo como as mobilizam ao transitarem pelo *circuito da cultura* (Du GAY, 1997), que leva em conta a interdependência entre os conceitos de identidade, produção, consumo, representação e regulação. Outros conceitos mobilizados são os de *saber* (FOUCAULT, 1969) e *poder* (FOUCAULT, 1979). Para o autor, o poder permeia e estrutura todas as relações. Por fim, pretendo articular também autores que circulantes nas discussões contemporâneas sobre a Utopia e a Distopia, ainda por explorar. O conhecimento que a sociedade tem sobre os LGBTQIAP+ é determinante para o modo como os (não) acolhe. Afinal, não é comum se temer o que não se conhece. Em um momento em que a escola está silenciada, por força de lei, a mídia tem papel relevante na construção e disseminação desse conhecimento. Portanto, como objeto de estudo, debruço-me sobre o gênero histórias em quadrinhos e tirinhas por serem gêneros acessados espontaneamente por todas as idades e de especial interesse deste pesquisador para observar onde se oferecem como espaço de circulação de conhecimento sobre os LGBTQIAP+.

**Palavras-chave:** LGBTQIAP+. Estudos Culturais. Histórias em Quadrinhos. Utopia.

## **WE SHOULD ALL BE FEMINISTS**

edutopia e ensino de literatura na construção de novos caminhos

**Janaína Maria Gama Vila Nova**

O presente trabalho é um desdobramento de minha pesquisa de mestrado que versa sobre a possibilidade do ensino de língua inglesa e o uso da literatura feminista na formação do/a leitor/a com uma pessoa crítica. A abordagem imbrica a utopia, a teoria educacional e a literatura feminista que se relacionam na medida em que ambas estão voltadas para o modo do ser humano se posicionar no mundo, individualmente e em comunidade, numa lógica que pretende acionar a curiosidade humana, podendo funcionar como algo a ser debelado ou almejado: é a sociedade que se quer combater ou aquilo a ser conquistado. A partir das teorizações de Freire (2012), Butler (1999), Rich (2017) teço considerações que ratificam a escolha da obra da Chimamanda Adichie (2012), escritora contemporânea, quem nos propiciou o pensar utópico como “exercício de liberdade” e permitiu diálogos e indagações sobre o tema do feminismo e a possibilidade de ampliações de alguns discursos estereotipados. O objetivo do trabalho é analisar o alcance do tema tratado pela obra na construção de novos caminhos dentro da sala de aula, fortalecendo o diálogo entre a teoria educacional e a vida prática.

**Palavras-chave:** Edutopia. Literatura. Feminismo. Ensino.

## **QUEERIZAR ESPAÇOS E IDEIAS** movimentos para a construção de utopias *queer*

**João Victor da Silva**

Ao longo da História, o termo *queer* assumiu sentidos diversos: desde um sinônimo para “estranho/peculiar”, até um insulto homofóbico, utilizado como referência a “pervertidos sexuais”. Somente na década de 1980, *queer* emerge como um campo teórico – feito para questionar o modelo normativo/heterossexista de sociedade (Bayno-Krebs, 2016) – e também como uma categoria de identidade (Jagose, 1996; Butler, 1999). Nesse sentido, *queerizar* significa desnormativizar, despadronizar ou, ainda, desestabilizar os modos hegemônicos de entender gênero e sexualidade. O conceito de *queer* como uma potencialidade (Muñoz, 2009) o aproxima das utopias, visto que é entendido como “algo que ainda não está aqui”, uma idealidade que nos permite vislumbrar novas possibilidades de futuro. A partir desta conexão, questiono quais espaços são reservados para os corpos *queer* nas utopias (literárias ou não), uma vez que o pensamento *straight* (Wittig, 2017) exclui e deslegitima sua existência no mundo. Questiono, ainda, que movimentos são necessários para que o corpo *queer* seja também “o ator principal das utopias” (Foucault, 1966).

**Palavras-chave:** *queer*. Utopia. heterossexismo.

## CARALÂMPIA

o feminino em *A terra dos meninos pelados*

**José Minervino da Silva Neto**

O livro *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, é visto pela crítica literária como uma narrativa utópica, na qual seu protagonista Raimundo, um menino com olhos bicolores e a cabeça pelada, viaja para o mundo imaginário de Tatipirun onde todos são semelhantes a ele, cujas aventuras o levarão entender o valor das diferenças, bem como a uma jornada de reconhecimento de si. Este trabalho tem o objetivo de ampliar essa visão já consolidada ao atentar para a figura da princesa Caralâmpia, que encarna o feminino na obra, ao analisar a sua função na estrutura narrativa. A discussão orbita em torno da construção identitária de Raimundo por meio de uma comparação com a Caralâmpia, assim como desta em relação ao estereótipo da princesa dos contos de fadas clássicos. Consideramos a personagem em foco como uma forma de alteridade singular dentro do enredo, distinta dos demais meninos pelados, na qual o protagonista projeta seus anseios, ou seja, ela se faz um *outro* para Raimundo pelo signo invertido, seja na questão de gênero (menino x menina), seja por meio das atitudes e personalidades opostas que lhes caracterizam.

**Palavras-chave:** Caralâmpia. Utopia. Gênero. identidade.

## **FEMINISMO, TRADUÇÃO E DISTOPIA**

um olhar sobre “Love and Sex among the Invertebrates” de Pat Murphy

**Thathiana Valesca Leite Ferreira Belo**

Resultante dos projetos PIBIC 2017/2018 e 2018/2019, este trabalho parte da observação da invisibilidade da escrita literária por autoras, sobretudo no gênero da ficção científica utópica ou distópica, e da ainda incipiente tradução e crítica literária acerca desta produção. Meu objetivo é apresentar uma análise da tradução – ainda inédita – do conto distópico “Love and Sex among The Invertebrates” (1991), de Pat Murphy, permeada por teorizações oriundas das áreas dos Estudos Literários, Culturais, da Tradução e de Gênero, visando problematizar questões relativas à cultura da tradução sob lentes feministas. Para o estudo, estes aportes teóricos são explorados em suas interfaces, com foco no subgênero da ficção científica distópica (Moylan, 2016), especialmente a de autoria feminina (Cavalcanti, 2003); e nas questões relativas à tradução cultural (Burke; Hsia, 2009) aos procedimentos tradutórios de modo mais amplo (Arrojo, 1999). As reflexões de Von Flotow (1997), Costa (2012) e Leite (2017) são relevantes para a ênfase mais específica no tocante às imbricações entre questões de gênero e de tradução. Com o estudo realizado, constato que: 1) uma dimensão político-ideológica informa as escolhas de tradução, sobretudo de textos literários de autoria feminina, influenciando em sua circulação; 2) no original e a na tradução, marcadores textuais de gênero suscitam sentidos diferentes, mais ou menos feministas, a depender das escolhas autorais e de tradução.

**Palavras-chave:** Tradução. Estudos de Gênero. Ficção Científica.



## **V COLÓQUIO LITERATURA & UTOPIA**

9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS  
4 A 6 DE NOVEMBRO DE 2019 – MACEIÓ

### **Mesa-redonda 2: Poesia & Utopia**



## POR VEREDAS DISTÓPICAS, O VIAJANTE INVISÍVEL

**Analice Leandro  
Felipe Benicio**

Neste trabalho, faremos uma jornada pela desolada terra de Crypsália, cidade que nos é apresentada no poema “O viajante invisível”, que integra o livro *Os moinhos* (2009), de Milton Rosendo. A partir das teorizações de Claeys (2013; 2016), Moylan (2014; 2016) e Santos (2018), tecemos considerações acerca das relações entre poesia e distopia, na tentativa oferecer alguma contribuição para as reflexões teórico-críticas que dizem respeito ao estudo dos utopismos em diálogo com textos poéticos. Em nossa leitura, detemo-nos mais minuciosamente sobre as estratégias de que o autor lança mão para a construção dessa paragem dantesca, analisando as engenhosas articulações entre as dimensões imagética, sonora e tipográfica, que enformam textualmente a arquitetura dessa distópica urbe. Por fim, também buscamos observar as intertextualidades do poema com outras cidades utópicas/distópicas, com especial atenção às relações entre Crypsália e *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, e, para tanto, foram cruciais as reflexões de Pesanvento (2007) e Vieira (2008).

**Palavras-chave:** Poesia. Distopia. Milton Rosendo.

**TOPOGRAFIAS PARA UM INVENTÁRIO CULTURAL**  
dimensões utópicas em poemas de Izabel Brandão,  
Bruno Ribeiro e Marlon Silva

**Arenato Santos**

Ao inscrever-se sobre as interfaces dos Estudos Literários e dos Estudos Críticos da Utopia, a proposta deste trabalho objetiva refletir sobre as relações entre poesia e utopia, destacando e observando as reconfigurações utópicas e/ou distópicas da cultura a partir do estudo de recorrências temáticas e formais relacionadas ao gênero do utopismo literário. O trabalho analisa poemas de Izabel Brandão (2013), Bruno Ribeiro (2014) e Marlon Silva (2011) sob a perspectiva de suas formas, funções e conteúdos utópicos e/ou distópicos. Partindo de Thomas More (1998), autor fundante do gênero do utopismo literário, as reflexões são subsidiadas por leituras de teorizações sobre o conceito de utopia (COELHO, 1985; MÜNSTER, 1993; HARVEY, 2000; BLOCH, 2005); e de distopia (MOYLAN, 2016). A discussão sobre a interface entre poesia e utopia toma como base os estudos de Oliveira (2010), Franco Júnior (1998a, 1998b) e Santos (2006). Enfocando a leitura sobre a poesia dos/as poetas em evidência, este estudo contribui para a valorização e visibilidade da produção poética local e contemporânea, trazendo para o centro de discussão obras e autores/as que são ou pouco conhecidos/as do grande público leitor ou, de outro modo, somente têm seus nomes conhecidos/as no âmbito da academia; e também para a construção de um aparato analítico para abordagem de uma poética utópica e/ou distópica da cultura, consolidando, assim, o mapeamento dos utopismos alagoanos na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Poesia alagoana. Utopia. Distopia. Izabel Brandão. Bruno Ribeiro. Marlon Silva

## **MIRAGEM DA ILHA**

imagens da utopia na poesia de Carlos Moliterno

**Victor Mata Verçosa**

O presente trabalho é um desdobramento de um estudo anterior sobre os diálogos entre a obra poética *A Ilha* (1969), de Carlos Moliterno, e os estudos da utopia a partir da presença de uma das imagens mais universais presentes nas narrativas utópicas. A construção de uma análise dos processos imagísticos e metafóricos presentes nos sonetos da obra estudada, tendo como ênfase as representações das ilhas em narrativas utópicas, permitem-nos realizar uma leitura da obra de Moliterno na interface dos textos que manifestam o desejo utópico projetado na imagem idealizada do espaço insular. Como suporte a esta pesquisa, Diegues (1998) apresenta-nos a noção de ilheidade, que produz, dentro das diversas sociedades, as múltiplas representações míticas e artísticas sobre as ilhas, dentre elas, as de que o topos insular é o espaço utópico por excelência, conforme Jameson (2005), Marin (1984) e Martins (2007). Este trabalho é, portanto, uma ampliação da leitura da obra de Carlos Moliterno nos estudos da utopia, tomando como objeto de análise as imagens insulares que ora parecem representar materializações do lugar ideal, ora parecem manifestações fugidias do desejo.

**Palavras-chave:** *A Ilha*. Carlos Moliterno. Utopia.



## **V COLÓQUIO LITERATURA & UTOPIA**

9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS  
4 A 6 DE NOVEMBRO DE 2019 – MACEIÓ

### Pôsteres

**LINGUAGEM E GÊNERO NA FICÇÃO CIENTÍFICA DE LE GUIN:  
DESCONSTRUINDO GÊNERO EM *THE LEFT HAND OF DARKNESS* E EM SUA  
TRADUÇÃO “A MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO”**

**Andressa Souza da Silva<sup>1</sup>**

**Ildney Cavalcanti<sup>2</sup>**

A convergência entre ficção científica e feminismo, na década de 70, resultou na produção de textos nos quais gênero e identidade são temas centrais (WOLMARK, 1993), problematizando as ideologias de gênero socialmente estabelecidas. Em *The Left Hand of Darkness* (1969), obra de ficção científica de Ursula K. Le Guin (1929-2018), e em sua tradução para o português, será analisado o uso da linguagem em que há a modificação ou reconstrução da língua em relação à declinação de gênero, observando as intersecções entre as narrativas literárias, neste caso a ficção científica, a crítica feminista da linguagem (CAMERON, 1990) e os estudos da Tradução Literária (FURLANETTO, 2018), buscando compreender as implicações culturais das especulações linguísticas e de sua tradução. Durante a análise dos aspectos da linguagem/gênero na obra, busco identificar quais as construções formais da língua e refletir sobre quais são as possíveis desconstruções de gênero em ação no texto e quais os impactos de tais desconstruções.

Palavras-chave: gênero; feminismo; ficção científica; tradução literária; linguagem.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês da Faculdade de Letras – FALE, Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

<sup>2</sup> Orientadora (PPGLL/FALE/UFAL).

## **MINISTÉRIO DO AMOR**

o propósito da tortura na sociedade distópica do romance *1984*

**Beatriz Tavares Soares de Miranda**

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre questões relativas à tortura, à confusão mental e à lavagem cerebral presentes no romance *1984* (1949), de George Orwell, em especial na Parte III deste livro, que corresponde ao momento em que o protagonista, Winston Smith, é torturado no Ministério do Amor. Com foco no propósito da tortura e de que forma ela acontece dentro da sociedade distópica do romance, recorro a trechos da obra, a fim de exemplificar ideias, bem como a considerações de Evanir Pavloski (2014), que faz uma análise minuciosa da obra de Orwell no livro *1984: a distopia do indivíduo sob controle*, e de Ângela Maria Dias (2005) acerca do tema da crueldade. Com este trabalho, pretende-se analisar a crueldade presente nas torturas, as quais têm como função fazer com que o indivíduo torturado se entregue por completo e de livre e espontânea vontade ao Partido, que é a única e soberana forma de governo dessa distopia. Pretende-se também chamar atenção para a alarmante atualidade do romance a que o autor nos remete, propositalmente ou não, bem como quais efeitos isso pode causar na leitura que fazemos dessa obra em nossa atual sociedade.

**Palavras-chave:** Distopia. Romance. Tortura. Sociedade. Atualidade.

## ***O PAÍS DAS MULHERES* DE GIOCONDA BELLI: SUAS RAZÕES UTÓPICAS E DISTÓPICAS**

Ma. Giovanna de Araújo Leite

A extinção dos homens na governança de uma nação em todos os âmbitos (político, social, econômico, militar, cultural, entre outros) em *O país das mulheres*, escrito pela nicaraguense Gioconda Belli, evoca leituras e interpretações no sentido de observar as relações da utopia do “felicismo” em que ideias feministas são finalmente postas em prática na sociedade. Além disso, traz questionamentos em torno da distopia temática, proposta a partir da extinção de discursos e práticas masculinizantes e patriarcais em todas as esferas públicas do país. O objetivo geral desta breve pesquisa é refletir como acontece a utopia e a distopia nesta obra; os objetivos específicos são mostrar os dois conceitos teóricos da utopia e distopia, buscando compreender as suas razões na contemporaneidade na obra em estudo. Para o referencial teórico utilizou-se como autores principais, Cavalcanti (2009); Silva (2008) e Mignolo (2008). A metodologia de pesquisa foi bibliográfica assim como exploratória, pois esta pesquisa buscou familiarizar-se com o assunto em torno da obra supracitada. Entende-se que o presente estudo ainda está em andamento, por isso compreende-se que sejam aprofundadas tais discussões na leitura de toda a obra de Gioconda Belli.

**Palavras-chave:** Utopia. Distopia. Gioconda Belli.

## **MINISTÉRIO DA VERDADE**

a tensão entre a memória e a reconstrução da história no romance *1984*

**Marcos Paulo Ventura  
Ildney Cavalcanti**

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a tensão entre a memória e a reconstrução da história no romance *1984* (1949), de George Orwell. Nessa narrativa, o protagonista, Winston Smith, rebela-se contra o Partido, liderado pela figura do Grande Irmão, na medida em que se recusa a ser um autômato nesta sociedade totalitária distópica, o que dá origem a um paradoxo: Winston tenta reconstruir o passado através de suas memórias, mas ele trabalha no Ministério da Verdade, que é responsável por reescrever diariamente a história — por meio da constante reedição e alteração de artigos de jornais e obras literárias, por exemplo — de maneira a atender a vontade do Partido. Essa relação conflituosa, portanto, é uma das características mais marcantes tanto de Winston quanto do romance em si. Como fundamentação teórica, o presente trabalho conta com as reflexões de Tom Moylan (2016) sobre a distopia, de Evanir Pavloski (2014) sobre a reconstrução da história em uma estrutura social distópica e a memória através do estudo da personagem de Winston Smith, e de Eric Fromm (1961), Ben Pimlott (1989) e Thomas Pynchon (2003) sobre o poder do pensamento dominante no romance de Orwell, o duplipensamento, tanto na vida em Oceânia, como um elemento diegético fundamental para o enredo da narrativa, quanto em nossa vida cotidiana, pois é um termo que já faz parte realmente do vocabulário moderno.

**Palavras-chave:** Romance. Memória. História.



